

## ***SONS AND LOVERS SOB A ÓTICA SOCIAL: UMA ANÁLISE DA FAMÍLIA MOREL***

Antonio Carlos Monteiro Teixeira Sobrinho<sup>1</sup>  
Décio Torres Cruz<sup>2</sup>

**Resumo:** *Oriundo de uma pesquisa maior intitulada “A relação (in)consciente entre as abordagens psicanalítica e social em Sons and Lovers: Uma análise bifurcada da família Morel”, este trabalho destinou-se, apenas, à análise do romance de D. H. Lawrence, a partir do núcleo familiar dos Morel, partindo de um olhar social sobre a obra. Para tanto, buscou-se antes uma conceituação do que é família, dentro de um prisma social, e uma explanação acerca de conceitos a ela conectados, tais como divisão sexual de trabalho e socialização primária. Após a consolidação de tais conceitos, passou-se a análise de como a família Morel age na socialização de Paul Morel e de quais são os efeitos dessa socialização. As imagens da mãe e do pai são resgatadas também a fim de explicar os motivos pelos quais Paul se afasta do pai e se aproxima da mãe. Tornou-se claro, então, que a educação ofertada por Gertrude a Paul destinou-se a afastá-lo do mundo do pai.*

**Palavras-chave:** Família; Morel; D. H. Lawrence; Sociologia

### **INTRODUÇÃO**

Carpeux (s.d., p. 134), ao falar sobre *Sons and Lovers*, o classifica como um “romance psicanalítico antes mesmo de a psicanálise se tornar moda e antes de Lawrence conhecê-la”. Também Eagleton (2003, p. 240) toma *Sons and Lovers* como exemplo ao abordar a psicanálise como uma possível teoria aplicada à literatura. Eagleton escreve que “até mesmo os críticos conservadores [...] admitem haver alguma coisa nesse texto que notoriamente se assemelha ao famoso drama de Freud”. A partir das considerações de ambos os teóricos supracitados, é de se imaginar que exista mesmo um consenso em torno de *Sons and Lovers* que o classifique pura e simplesmente como “romance psicanalítico”.

Este artigo, no entanto, lança um outro olhar sobre a família Morel e sobre *Sons and Lovers*, um olhar voltado não para as questões inconscientes que regem a família, mas para as questões sociais que a formam e estruturam.

Oriundo de uma pesquisa mais ampla intitulada “A relação (in)consciente entre as abordagens psicanalítica e social em *Sons and Lovers: Uma análise bifurcada da família Morel*”, na qual se tenta estabelecer uma ligação entre ambas as formas de estudo, este artigo, no entanto, trabalha com apenas uma das abordagens acima supracitadas, a social, devido à exigüidade de espaço nos oferecido para trabalhar ambas as análises de forma satisfatória.

Portanto, a nossa opção em trabalhar com a abordagem social não se faz sobremaneira por uma discordância em relação a uma análise a partir dos pressupostos da psicanálise. Reconhecemos, sim, a psicanálise como uma forma perfeitamente possível de se olhar para *Sons and Lovers*. Entretanto, neste artigo, será abordado um olhar social sobre a família Morel, pois

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB. [tonysobr@hotmail.com](mailto:tonysobr@hotmail.com).

<sup>2</sup> Orientador - Doutor em Literatura Comparada e professor pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB. [deciotc@ufba.br](mailto:deciotc@ufba.br).

acreditamos que ambas as formas de análise são suportadas e oferecidas pelo romance de D. H. Lawrence. Desse modo, as leituras psicanalítica e social não precisam ser, e de forma alguma são, alternativas excludentes. São alternativas perfeitamente condizentes de leitura e, acreditamos, formam o todo complexo da família Morel, posto que ela não pode ser expressa apenas por uma dinâmica inconsciente, sem representação social ou, vice-versa, não pode ser expressa apenas por uma representação social, sem dinâmica inconsciente. Segundo Eagleton (2003, p. 243),

[...] podemos discutir a imagem ‘fraca’ que Paul faz do pai, e a imagem ‘forte’ que faz de sua mãe, tanto em termos edipianos quanto classistas; podemos ver como as relações humanas entre um pai ausente e violento, a mãe ambiciosa e emocionalmente exigente, e o filho sensível, são compreensíveis tanto em termos de processos inconscientes como em termos de certas forças e relações sociais.

No entanto, como já dito, neste artigo deixamos de lado os conceitos psicanalíticos. Nosso foco é, única e exclusivamente, o modo como a família Morel se formou; quem são Walter Morel e Gertrude e como a atuação desses dois dá forma a Paul Morel. Portanto, a discussão gira em torno dos papéis sociais assumidos e vividos pelos integrantes da família, bem como do que significam esses papéis sociais.

Antes, porém, da análise propriamente dita, é necessário traçar alguns conceitos que são utilizados em nosso trabalho para que, desse modo, não pare dúvida alguma sobre o que realmente estamos falando.

## O OLHAR SOCIAL – CONCEITOS

Fenômeno universal, segundo Chinoy (2003, p. 203), independente do tipo de sociedade, os laços familiares se constituem em uma dificuldade teórica. Conceituar o que quer que seja família, independente da linha de pensamento a qual estivermos filiados, é sempre um problema. Um conceito parte da generalização de uma determinada observação, mas, como poderíamos generalizar algo tão diverso e de tão múltiplas faces como a família? Assim, Bilac (2006, p. 31) considera um desafio estabelecer qualquer conceito geral de família por causa de sua variabilidade histórica e Chinoy (2003, p. 201) alerta para a ambigüidade de qualquer generalização acerca do que é família. No entanto, nosso esforço em traduzir em um conceito o termo família se justifica por estarmos falando de um modelo específico. Sendo assim, a generalização de um determinado conceito de família não é, e nem poderia ser, o nosso objetivo, mas, tão-somente, o uso de um determinado conceito em uma família determinada, ou seja, a família Morel.

A família Morel se encaixa naquilo que Chinoy (2003, p. 207) classifica como “família nuclear ou elementar, que consiste em marido (pai), mulher (mãe) e filhos”, composta por Walter Morel (pai), Gertrude (mãe), William, Arthur, Annie e Paul (filhos). Mas esta ainda é uma conceituação um tanto vaga, pois a família não existe apenas em sua estrutura, ou em quem são seus componentes. A célula familiar, vista apenas por essa idéia, transmite uma sensação de homogeneidade e constância que nem sempre a caracterizam. Petrini (2003, p. 66) considera que “a família constitui uma realidade simples, na articulação das relações entre mulher e homem,

entre pais e filhos, e, ao mesmo tempo, extremamente complexa, pois essas relações se realizam segundo diferentes dimensões”.

Na realidade, a família não existe enquanto abstração, como bem escreve Mello (2006, p. 53), enquanto algo que seja possível definir de forma universal; ela simplesmente não existe. Porém, a família existe na prática, nas relações travadas e significadas por cada integrante seu, como escreve Sarti (2006, p. 39): “a família não é uma totalidade homogênea, mas um universo de relações diferenciadas”.

Desse modo, o que nos interessa ao discuti-la não é quem são os seus integrantes de um ponto de vista meramente classificatório como mãe ou pai, mas de um ponto de vista histórico e social. Ou seja, o ser em família não diz respeito ao ser pai, ou ao ser mãe, mas, sim, ao papel histórico-social que se exerce ao ser pai ou ao ser mãe. Família relaciona-se às imagens que são evocadas pelo discurso e pelos atos desses sujeitos, construtoras de uma imagem maior, aquela que a criança forma dos seus pais e, por extensão, do mundo.

Petrini (2003, p. 65) considera que a criança, ainda indefesa e frágil, “encontra no ambiente da família, não só os elementos favoráveis à sobrevivência, mas as condições essenciais para o desenvolvimento e a realização da pessoa”. Essas condições são oferecidas a partir das relações que a criança desenvolve e significa com o mundo que lhe cerca e, mais precisamente, com os pais, através do que Vitale (2006, p. 90) chama de “socialização primária”. Esse processo ocorre na seleção, por parte dos pais de aspectos da vida social a serem transmitidos através de suas ocupações no todo estrutural da sociedade e mediante suas idiossincrasias.

Deste modo, entendemos a família, prévia e passivamente formada, como formadora ativa de um contexto social, mas, também, por contextos sociais diferentes. Assim, não podemos desvincular sobremaneira o sujeito daquilo que ele é e representa, do contexto social no qual se insere. Logo, a família, sendo fruto da união de sujeitos diferentes, portanto, necessariamente, de contextos sociais diferentes, se caracteriza como sendo um local de choque na construção de um novo ser social: a criança. Nesse mesmo sentido se encontra Carvalho (2006, p. 15), ao considerar que “evitando a naturalização da família precisamos compreendê-la como um grupo social cujos movimentos de organização–desorganização–reorganização mantêm estreita relação com o contexto sociocultural”.

Petrini (2003, p. 65), ao citar Lévi-Strauss, afirma que “a família permanece como matriz do processo civilizatório, como condição para a humanização e para a socialização das pessoas”. No entanto, esse processo primeiro passa pelas figuras dos pais para, só depois, chegar à criança. A socialização primária é, talvez, o primeiro grande confronto que a criança presencia, pois o choque entre dois mundos histórica e socialmente diferentes é inevitável. As imagens significadas dos pais pela criança correspondem às próprias imagens que ela constrói do mundo e que, possivelmente, manterá por toda a sua vida. O estudo desse processo, bem como a análise das imagens transmitidas e construídas dos pais, regem nossas observações sobre a família Morel.

Portanto, podemos conceituar a família Morel como sendo uma família do tipo *nuclear*, pois é composta de pais e filhos. Contudo, mais que isso, ela é como um grupo social no qual o processo de socialização primária das crianças, principalmente de Paul, acontece de forma especial, sem a participação ativa do pai.

É necessário, ainda, atribuir um último conceito à família Morel. Esta se encaixa perfeitamente na divisão sexual do trabalho, na qual, segundo Mello (2006, p. 56) “o pai provê, com seu trabalho, todas as necessidades da família; a mãe, carinhosa e infatigável toma conta da casa e da educação das crianças”. A importância desta última consideração é absoluta, posto que ela, por si só, já providencia um panorama do cotidiano da família Morel: a mãe, sempre solícita

em casa; o pai, sempre ausente, no trabalho. Este último conceito abordado deságua em meandros que são, também eles, trabalhados em nossa análise das imagens transmitidas, construídas e significadas, tanto de Gertrude quanto de Walter.

Resta-nos, agora, o estudo dos motivos pelos quais esse processo acontece de forma tão conflituosa em Paul. Desse modo, a dinâmica social interna da família Morel passa, então, a ser nosso foco.

## O OLHAR SOCIAL SOBRE A FAMÍLIA MOREL

Começemos, pois, nossa análise da família Morel sob o olhar social, a partir de uma imagem deveras importante apresentada já no funeral de Gertrude:

O pai [Walter] sentou-se na cozinha com os parentes da Sra. Morel, pessoas “superiores”; o homem chorava, dizendo como ela fora tão boa companheira e como ele tentara fazer tudo o que era possível, tudo! Sempre se esforçara por lhe ser útil e não tinha nada de que se acusar. (LAWRENCE, s.d., p. 453).

Observa-se, nesta passagem, uma clara distinção entre Walter e a família de Gertrude, considerada superior, o que acarreta numa distinção também entre Walter e a própria Gertrude. Nota-se, também, uma preocupação de Walter em deixar claro que, mesmo “inferior” a Gertrude, fez de tudo para que ela não perdesse a dignidade, o porte e a superioridade herdados de sua família. Já esta é uma indicação de quão opostos os mundos de Walter e Gertrude são e de quantos e tão grandes conflitos essa diferença pode ter causado à criação dos filhos.

Logo de início, devemos considerar, quem, em verdade, são Walter e Gertrude e quais são suas origens e visões de mundo.

Começemos pela figura materna. Gertrude descende de uma família de burgueses, porém falida por um mau investimento de seu avô como fabricante de rendas. Não obstante a perda do poder econômico, Gertrude cresce num ambiente tipicamente burguês, o que confere a ela certos trejeitos e uma educação que, se não era aprofundada em um assunto específico, a distinguia em muito das outras mulheres, ou mesmo dos homens (mineiros) com quem viria a lidar, como atesta a seguinte passagem:

Ela [Gertrude] própria fazia contraste. Tinha espírito receptivo, cheio de curiosidade, sentindo grande prazer e distração em ouvir os outros. Possuía até certa habilidade em provocar a conversa. Amava as idéias, e os outros consideravam-na muito inteligente. Seu maior divertimento era discutir religião, filosofia, política com algum homem instruído. Essa alegria não lhe seria concedida muitas vezes. (LAWRENCE, s.d., p. 15)

Observa-se, neste mesmo trecho do romance, como o berço em que nasceu Gertrude a diferenciou daqueles que a cercavam, homens ou mulheres. Primeiro porque o seu gosto em discutir assuntos mais abstratos em detrimento dos assuntos mais práticos e cotidianos, revela-se em relação aos homens. Gosta de discutir com os homens instruídos assuntos ligados às abstrações da vida. Excetuando a própria Gertrude, a ausência da presença feminina nessas discussões pode indicar que, enquanto as outras mulheres que a cercavam eram educadas apenas para a vida doméstica, sem qualquer outra preocupação que não fosse o marido, os filhos ou,

mesmo, a harmonia da casa, Gertrude, por outro lado, teve oportunidade de se tornar familiar com assuntos reservados exclusivamente aos homens.

Em um segundo momento, nesse mesmo trecho, observamos que Gertrude se diferencia até mesmo da grande maioria dos homens, posto que se ela gosta de discutir tais abstrações com homens instruídos, não são muitas as chances de fazê-lo. Têm-se, então, duas hipóteses a considerar: apesar de saber-se competente para discutir assuntos tais como filosofia e política, ela não pode fazê-lo por ser mulher e estes assuntos serem assuntos designados para o sexo masculino. Todavia, podemos inferir também que, mesmo os homens instruídos, com a mesma capacidade de abstração de Gertrude, são poucos e por isso poucas oportunidades de discutir suas idéias ocorrem. Ambas as hipóteses parecem plausíveis; porém, cremos que a segunda seja mais condizente com o todo do romance, já que ela se insere em um meio de homens, a maioria sem estudo algum e com uma visão bem prática e material da vida.

Desse modo, a comunicação entre ambas as partes que não seja ligada estritamente a coisas factíveis se torna impossível. Como Gertrude iria conversar se o seu interlocutor, apesar de lhe ouvir com deferência, não conseguiria significar o seu discurso? Nesse sentido, as conversas entre Gertrude e Walter, modelo dos homens que circundam Gertrude, não passam de trivialidades, como deixa claro esse trecho:

Às vezes quando já estava cansada de palavras de amor, Gertrude tentava falar-lhe de coisas mais sérias, mas notava que o marido a ouvia com deferência, porém sem nada compreender. Isso matou-lhe a esperança de uma maior intimidade, e sentiu-se de repente amedrontada. (LAWRENCE, s.d., p. 18)

Já sobre Walter Morel, o notamos como um oposto a Gertrude: enquanto esta é uma pessoa de idéias e abstrações sobre a vida, Morel é homem que prima pelo físico e pela sua habilidade prática em construir o que quer que seja. Enquanto as origens de Gertrude remontam aos burgueses “orgulhosos de sua pele branca e de seus olhos azuis” (LAWRENCE, s.d., p.14), as de Morel levam até um “avô refugiado francês que casara com certa criada inglesa, se é que houve casamento” (LAWRENCE, s.d., p. 16).

Essa diferença existente entre as origens de um e de outro se reflete no modo como cada um lida com o mundo. Se a família de Gertrude, mesmo falida, teve condição de propiciar uma educação diferenciada a ela, o mesmo não ocorreu com Walter. Seu modo de ver a si próprio (e, por extensão, o mundo) está extremamente condicionado pela mina na qual trabalha e pelos mineiros. Nesse sentido, o próprio Morel afirma que “a tudo nos habituamos. Vive-se como os ratos, e de noite põe-se o focinho de fora, para ver o que há” (LAWRENCE, s.d., p. 17).

A diferença entre Walter e Gertrude fica bem demarcada quando se considera que “Walter Morel enternecia-se na presença dela [Gertrude]. Para o mineiro, significava esta coisa misteriosa e fascinante: uma dama” (LAWRENCE, s.d., p.16). De certa forma, Gertrude e Walter não pertenciam ao mundo um do outro e desejavam coisas distintas para suas vidas. A vida que Walter poderia oferecer a Gertrude, além da deficiência material, estava muito aquém das expectativas dela, o que fica evidenciado na seguinte passagem (LAWRENCE, s.d., p. 12)

A Sra. Morel entrou em casa, perguntando a si mesma se sua vida nunca mudaria. Começava a desconfiar que não. Parecia-lhe já tão longe a mocidade, e admirava-se de que essa criatura [Walter] que passava tão pesadamente no jardim dos Bottoms fosse a mesma que corria ligeira, dez anos antes, no cais de Sheerness.

Como já se pôde perceber, Walter e Gertrude são dois personagens em tudo díspares e é interessante notar como a construção destes personagens – um sendo o oposto do outro – está de acordo com o conceito de divisão sexual do trabalho. Walter é a própria encarnação do que se espera de um homem dentro dessa divisão enquanto que Gertrude é, ela mesma, a própria figura da mulher. Desse modo, Walter apresenta dificuldade de expressar seus sentimentos e Gertrude é um constante fluxo deles. Cabe ao homem prover o sustento da família; à mulher, no entanto, cabe, como escreve Romanelli (2006, p.78), “a socialização da prole e a doação de afeto”.

Walter incorre em uma dupla ausência, tanto física, seja pela natureza do seu trabalho, seja pelas bebedeiras, quanto emocionalmente, em seu ambiente familiar. Entre outras coisas, essa dupla ausência implica que a educação dos filhos seja feita pela mãe, responsável não só pelo ensino, mas também pela doação de afeto. Portanto, a transmissão de valores e visões de mundo, nesse caso, ocorre sem um embate direto entre os pais, posto que unilateral: apenas os valores e as visões de mundo da mãe são passados, o pai se abstém dessa tarefa. No entanto, as crianças não passam pelo processo de socialização primária incólumes: se, nesse caso, tal processo não gera um embate entre o casal, produz um fosso entre o mundo de Walter e os dos seus filhos, como bem atesta a passagem a seguir, durante o velório de Gertrude: “Ficou a olhar para a mulher. Depois enxugou os olhos com o lenço. Parecia desamparado de todos, como uma coisa inútil” (LAWRENCE, s.d., p. 426). Esse fosso existente entre Walter e seus filhos se deve, principalmente, ao fato de as crianças terem assimilado o mundo da mãe como ideal e tenderem, a partir disso, a negar aquilo que Walter representava. A ausência de Walter, aliado à sua imagem de homem que se entrega facilmente à bebida, o destruiu como homem da casa, como chefe do grupo (LAWRENCE, s.d., p. 199). Primeiramente, William (e, após a morte deste, Paul) tenta assumir o papel de homem da casa, cuidando da mãe e providenciando o dinheiro da família, como confirma a seguinte passagem, quando Paul assume para si os gastos: “ – Isto não é por muito tempo. Gaste do meu dinheiro. E ele [Walter] que vá para o diabo” (LAWRENCE, s.d., p. 228).

A relação entre Walter e Paul é marcada pelo desacordo, pela ausência pelo menosprezo e, às vezes, pela violência de um pelo outro. Paul assume para si traços e características típicos da mãe, não existindo nada de Walter em si. Desse modo, cada um tem o mundo do outro como completamente alheio a si: Paul vislumbra ser pintor, é sensível, porém Walter é mineiro e rústico.

Essa distância entre ambos fica evidente em duas passagens do romance: na primeira, quando Walter não se interessa pelo prêmio, um livro, que Paul acabara de ganhar, prêmio esse bastante simbólico para as pretensões artísticas de Paul (LAWRENCE, s.d., p. 75); na segunda, quando Paul consegue vender um quadro seu, vitorioso em uma exposição, por uma boa quantia e Morel fala: “Não duvido. Mas vinte guinéus por um pedaço de tela que pincelou numa hora ou duas” (LAWRENCE, s.d., p. 289), como se não fosse digno de recompensa o trabalho sensível e artístico. O fosso é o mesmo, ou ainda maior, quando invertemos a análise e passamos a ter a relação filho-pai sob nossos olhos.

Paul nega severamente o pai e, por extensão, o mundo que ele representa. Eagleton (2003, p. 243) traduz essa situação em termos bem claros:

Ela [Gertrude] simboliza, portanto, aquilo que o sensível e artístico. Paul tem esperanças de realizar: a aproximação emocional entre ele e a mãe, e o distanciamento do pai é, logicamente, um abandono do mundo empobrecido e explorador da mina de carvão em favor da vida da consciência emancipada.

O objetivo de Gertrude ao educar Paul era tornar o filho o mais próximo possível dos padrões de seus antepassados burgueses para que, desse modo, pudesse ascender socialmente e se afastar de tudo aquilo que Morel representava e que ela, Gertrude, via com a hostilidade de quem se frustrou diante da vida. Nesse sentido, “Gertrude *queria* francamente que o filho se elevasse, o que não seria difícil, pensava. E, se casasse com uma dama, seria ouro sobre azul” (LAWRENCE, s.d., p. 291).

Muito embora um casamento não fosse o sonho de Paul e, talvez, não fosse a sua intenção mais sincera inserir-se entre as classes mais abastadas (LAWRENCE, s.d., p.291) – não obstante fosse sua intenção ser um artista famoso –, o afastamento com o mundo do pai, da mãe, foi total e definitivo, sendo que nenhum vínculo havia entre os dois a não ser a própria mãe. Com a morte desta, no entanto, nada mais os conectava e um passou a ser completamente estranho ao outro, já que os laços familiares existentes entre eles haviam sido irremediavelmente quebrados. (LAWRENCE, s.d., p.463)

Nossa análise aponta para uma ruptura entre os dois, muito anterior à morte de Gertrude. Essa quebra dos laços familiares entre Paul e Walter acontece desde o momento primeiro em que aquele assimila para si o mundo da mãe como ideal e elimina de sua personalidade todo e qualquer traço do pai.

Em suma, não é a morte de Gertrude o marco significativo para o fim do relacionamento pai-filho entre Walter e Paul, mas, antes, a escolha da mãe, desde os primeiros instantes de vida consciente, como modelo a ser seguido em detrimento do pai.

Portanto, podemos concluir, que, na verdade, não se pode falar em um relacionamento pai-filho entre Walter e Paul, já que este nunca o viu como um pai na dimensão social do termo. Assim, a única consequência da morte de Gertrude para os dois é, tão somente, a ruptura definitiva, não entre pai e filho, mas entre dois homens sem ligação alguma.

## REFERÊNCIAS

BILAC, Elisabete Dória. Família: algumas inquietações. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). *A família contemporânea em debate*. 7.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

CARPEUX, Otto Maria. *As revoltas modernistas na literatura*. São Paulo: Ediouro, s.d.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. O lugar da família na política social. In: \_\_\_\_\_ (org.) *A família contemporânea em debate*. 7.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

CHINOY, Ely. *Sociedade: uma introdução à sociologia*. Trad. Octavio Mendes Cajado. 15.ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LAWRENCE, D. H. *Filhos e Amantes*. Trad. Cabral do Nascimento. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

MELLO, Sylvia Leser de. Família: perspectiva teórica e observação factual. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). *A família contemporânea em debate*. 7.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

PETRINI, João Carlos. *Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão*. Bauru: EDUSC, 2003.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). *A família contemporânea em debate*. 7.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

SARTI, Cynthia A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). *A família contemporânea em debate*. 7.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

VITALE, Maria Amália Faller. Socialização e família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). *A família contemporânea em debate*. 7.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.